

Estância 45

A matutina luz, serena e fria,
 As estrelas do Polo já apartava,
 Quando na cruz o Filho de Maria¹,
 Amostrando-se a Afonso, o animava;
 Ele, adorando Quem lhe aparecia,
 Na Fé todo inflamado, *assi* gritava:
 – «Aos Infiéis, Senhor, aos Infiéis,
 E não a *mi*, que creio o que podeis!».

1 Jesus Cristo

©AREAL EDITORES

Rompia o dia, apagando as estrelas do céu quando Cristo na cruz apareceu a D. Afonso Henriques. Este dizia-lhe que se mostrasse aos infiéis e não a ele, que era crente.

Estância 46

Com tal milagre os ânimos da gente
 Portuguesa inflamados, levantavam
 Por seu Rei natural este excelente
 Príncipe, que do peito tanto amavam;
 E diante do exército potente
 Dos *imigos*, gritando, o Céu tocavam,
 Dizendo em alta voz: – «Real, real,
 Por Afonso, alto Rei de Portugal!»

Entusiasmados com este milagre, os Portugueses aclamaram Rei o príncipe Afonso.

Após uma luta sangrenta...

Estância 53

Já fica vencedor o Lusitano,
 Recolhendo os troféus e presa rica;
 Desbaratado e roto¹ o Mauro hispano,
 Três dias o grão Rei² no campo fica.
 Aqui pinta no branco escudo ufano³,
 Que agora esta vitória certifica,
 Cinco escudos azuis esclarecidos,
 Em sinal destes cinco reis vencidos.

1 destroçado
 2 D. Afonso Henriques
 3 orgulhoso, vaidoso

Os Portugueses saem vitoriosos. D. Afonso Henriques fica três dias no campo da batalha e manda pintar no escudo branco da sua bandeira cinco escudetes azuis que representam os cinco reis mouros vencidos.

Estância 54

E nestes cinco escudos pinta os trinta
 Dinheiros, por que Deus fora vendido,
 Escrevendo a memória, em várias tintas,
 Daquele de Quem foi favorecido;
 Em cada um dos cinco, cinco pinta,
 Porque *assi* fica o número cumprido,
 Contando duas vezes o do meio
 Dos cinco azuis que em cruz pintando veio.

Os cinco escudetes também aludem aos trinta dinheiros por que Judas vendeu Cristo. O rei quis preservar a memória de Cristo que o ajudara a vencer. Os escudetes estão dispostos em cruz e por cada um são cinco dinheiros (o do meio conta-se duas vezes).

A evolução da Bandeira Nacional

De D. Afonso Henriques a D. Sancho I (escudo de armas com uma cruz azul).



De D. Sancho I a D. Afonso III (escudo de prata com cinco escudetes azuis).



De D. Afonso III a D. João I (foi acrescentada à anterior uma bordadura vermelha com castelos de ouro).



De D. João I a D. João II (foi acrescentada a cruz verde da Ordem de Avis).



De D. João II a D. Sebastião (D. João II, em 1485, mandou eliminar a cruz de Avis e endireitar os escudetes das quinas. D. Manuel I terá usado uma bandeira branca com o escudo nacional ao centro).



De D. Sebastião a D. João VI (D. Sebastião, antes de partir para África, mandou fechar a coroa real que se sobrepunha ao escudo).



De D. João VI a D. Pedro IV (no reinado de D. João VI, foi colocada uma esfera armilar de ouro por detrás do escudo como símbolo do reino do Brasil, tendo sido retirada após a morte do rei).



De D. Pedro IV a 1910 (a bandeira, por decreto de 18 de outubro de 1830, passou a ter duas zonas de cor – branco e azul – separadas na vertical).



Após a implantação da República.

Fontes: *O Hino e a Bandeira*, brochura do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa (dezembro de 1992) e *Portal do Governo*, www.portugal.gov.pt (adaptado).